

ASPECTOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES NAS QUATRO SÉRIES INICIAIS DO PRIMEIRO GRAU

Jaime L. Zorzi*; Marisa T. Serapompa; Polyana S. Oliveira; Adriana T. Faria

RESUMO - Objetivos: Caracterizar a formação de atitudes, hábitos e sentimentos em relação à leitura, a fim de traçar um perfil do tipo de leitor que pode ser encontrado numa situação na qual condições favoráveis, tais como o nível socioeconômico e a intervenção escolar, estão presentes. Em segundo lugar, verificar se ocorrem modificações nos perfis de leitor, comparando-se cada uma das séries, o que pode revelar o papel da escolaridade sobre a formação de leitores.

Métodos: Aplicação de um questionário, com 25 questões a respeito de hábitos e atitudes em relação à leitura em uma população de 382 crianças, de ambos os sexos, com idades variando entre 6 e 11 anos, cursando classes mistas, desde a primeira até a quarta série do ensino fundamental regular, de duas escolas da rede particular da cidade de São Paulo.

Resultados: Foi possível caracterizar um conjunto de atitudes e hábitos de leitura, o que permitiu a obtenção de um perfil de leitores em formação: Leitor Muito Ativo, Leitor Ativo e Leitor Pouco Ativo. As respostas às questões foram agrupadas e analisadas de acordo com o que elas mais evidenciaram: atitudes e sentimentos frente à leitura; sistematicidade e frequência; motivação e interesse; tipos de textos lidos; compreensão; concepções sobre a leitura; modelos de leitores e algumas atitudes incentivadoras por parte dos pais.

Conclusões: Não se observou um efeito positivo em termos da intervenção escolar na formação de bons leitores, uma vez que o aumento esperado no número de Leitores Mais Ativos e Ativos não se concretizou. Por outro lado, as influências familiares verificadas também não se mostraram eficientes no sentido de formar crianças com este perfil. Considerando-se a ausência de efeitos positivos a partir da situação familiar e da situação de intervenção escolar, os dados obtidos apontam para o fato de que não estão sendo construídas condições eficientes que favoreçam a formação de atitudes e hábitos que possam aumentar a produção de bons leitores.

UNITERMOS: Leitura e escrita. Escola primária. Leitores. Hábitos de leitura. Concepções de leitura

Os autores são fonoaudiólogos e trabalham no CEFAC - Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica.

**Correspondência*

*Rua Cayowaá, 664 - CEP 05018.000 - São Paulo - SP
- tel. (11) 3675-1677 - e-mail: cefac@cefac.br*

INTRODUÇÃO

A LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

A relevância do aprendizado da leitura é inegável. Não encontramos teoria, nem mesmo propostas práticas, que neguem a importância do aprender a ler e todas as suas implicações em termos do desenvolvimento escolar, cognitivo, social e emocional das crianças. Exatamente por reconhecer este papel fundamental da leitura é que a escola a coloca como um dos principais objetivos de sua ação educacional. Contudo, formar leitores, propriamente ditos, adquire um valor que não se restringe unicamente ao desempenho acadêmico. Sua importância reside, essencialmente, fora do âmbito escolar. É por esta razão que uma das principais missões atribuídas à escola é exatamente a de formar leitores capazes. Não é difícil concordar com a afirmação de que quando isso não acontece, a formação não terá tido sucesso^{1, 2, 3}. O motivo de tal fracasso é simples de se compreender, uma vez que a maior parte do conhecimento que alguém pode obter em sua vida será através da leitura, principalmente fora da escola. Portanto, qualquer falha ou distorção na constituição de leitores, limita suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Ler corresponde a um ato de extrema complexidade, envolvendo processos perceptuais, lingüísticos, cognitivos, comunicativos e também afetivos. Aprender a ler, portanto, não se reduz à capacidade de decodificar e dar sentido às palavras. Mais especificamente, juntamente com o aspecto que podemos considerar cognitivo da leitura, deve ser levado em conta o elemento afetivo em relação a ela. Neste sentido, tem sido apontado⁴ que um dos aspectos mais relevantes da alfabetização é exatamente o de formar uma atitude afetiva favorável frente ao ato de ler, a qual possa garantir prazer e gosto pela atividade.

A formação de tal atitude, entretanto, nem sempre tem ocorrido. A noção de analfabetismo, tradicionalmente empregada para referir-se a pessoas não letradas, tem ganhado uma nova dimensão. Isto porque vem chamando a atenção uma forma atípica de analfabetismo, caracterizado

como "funcional"^{5, 6}. Em outras palavras, podemos encontrar pessoas que, apesar de terem tido contato prolongado com a escrita, ou seja, terem sido "alfabetizadas" e, mesmo diplomadas, não fazem uso efetivo da leitura, no sentido de quem a usa para ler e compreender o mundo. A origem deste problema reside, fundamentalmente, no fato de o leitor não encontrar usos e funções para a leitura, no cotidiano da vida real. Muitas vezes ela limita-se a um conhecimento ou atividade meramente escolar.

Faz-se necessário apontar ainda que, ao lado do analfabetismo funcional, podemos encontrar uma parcela significativa de crianças em idade escolar que apresenta reais dificuldades para aprender a ler e ou escrever. Elas compõem o grupo de crianças com distúrbios de aprendizagem, no qual se incluem as alterações clássicas do desenvolvimento, como as deficiências mentais, os distúrbios invasivos, os quadros neurológicos, as deficiências motoras e assim por diante. Como fica evidenciado, existem razões diversas que podem prejudicar a aprendizagem da linguagem escrita. Dada tal realidade, nem todos conseguem usufruir as vantagens e até mesmo o prazer proporcionado pela leitura^{7, 8}, como é o caso da aquisição de informações, conhecimentos e idéias, de experimentar sensações de prazer e diversão.

A APRENDIZAGEM DA LEITURA: FATORES GERAIS DETERMINANTES

Tendo em vista a complexidade dos fatores envolvidos no ato de ler, é possível identificar uma série de circunstâncias que interferem, de modo favorável ou desfavorável, no desenvolvimento de habilidades de leitura e no seu interesse por ela. Como já foi apontado, existem, por um lado, fatores relativos a capacidades cognitivas e a conhecimentos lingüísticos, como a identificação e o reconhecimento de palavras, o acesso ao significado, a integração de aspectos sintáticos e semânticos e uma consciência da estrutura fonológica das palavras^{9, 10, 11}. Outro fator, de extrema relevância, diz respeito à tradição cultural

da leitura nos diferentes grupos ou segmentos sociais, às oportunidades de leitura e de acesso a livros e, do ponto de vista escolar, de qual o papel atribuído aos livros e à leitura de uma maneira geral.

Algumas variáveis individuais também podem ser apontadas como facilitadoras ou não da aprendizagem da leitura e da formação de leitores. Elas correspondem às características pessoais do aluno, como é o caso, por exemplo, do interesse que ele tenha por obter informações do conhecimento sobre o assunto lido, das condições socioeconômicas da família e, como já foi apontado, a própria escola com suas propostas de ensino e sua forma de abordar a aprendizagem as quais têm efeitos sobre os alunos, no sentido de envolvê-los e motivá-los^{12, 13}.

Não existem dúvidas, como se pode constatar, com respeito à importância fundamental do desenvolvimento da capacidade de ler e da formação de atitudes favoráveis em relação à leitura. Também podemos notar, por outro lado, que, apesar destes fatos serem amplamente reconhecidos e dos esforços que aparentemente são feitos na direção de tais objetivos, a realidade mostra que, por motivos diversos, nem todos parecem atingir os níveis esperados.

Levando em consideração a importância da formação de leitores, que possam ser realmente considerados ativos e eficientes, principalmente em relação aos usos e interesses que podem existir em relação à leitura, este artigo objetiva analisar atitudes e hábitos de leitura de um conjunto de crianças cursando as quatro primeiras séries do primeiro grau de duas escolas da rede privada de ensino, cuja clientela está caracterizada como pertencente à classe média, níveis médio e alto. Para tanto, serão tomados como referência resultados parciais da pesquisa realizada por Zorzi et al¹⁴.

Pretende-se, com esta análise, caracterizar atitudes, hábitos e sentimentos em relação à leitura, de modo que se possa traçar um perfil do tipo de leitor que pode ser encontrado numa situação na qual algumas condições tidas como favoráveis estão presentes, tais como o nível

socioeconômico e a intervenção escolar. Além do mais, os dados deste trabalho também permitem verificar se ocorrem modificações nos perfis de leitor comparando-se cada uma das séries, o que poderia estar revelando o papel da escolaridade sobre a formação de leitores.

MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com 382 crianças, de ambos os sexos, com idades variando entre 6 e 11 anos, cursando classes mistas, desde a primeira até a quarta série do ensino fundamental regular, de duas escolas da rede particular de escolas da cidade de São Paulo. Compuseram a amostra 77 crianças da primeira série, 78 da segunda, 104 da terceira e 123 da quarta. Tais escolas atendem uma clientela caracterizada como pertencente, principalmente, aos níveis médio e alto da classe média.

Todas as crianças, orientadas pelos pesquisadores, responderam a um questionário composto por 25 questões. Na primeira parte, elas referiram-se a si mesmas, respondendo a questões a respeito de seus hábitos e atitudes frente à leitura. Na segunda parte apontaram características de seus próprios pais em relação ao ato de leitura. Neste estudo, tomou-se como referência a visão das próprias crianças a respeito de si mesmas e de seus pais. As respostas obtidas permitiram descrever um conjunto de atitudes e hábitos de leitura dos sujeitos e de suas famílias.

CRITÉRIOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DE LEITOR

Para definir níveis que permitissem caracterizar perfis de leitor, foram pontuadas as respostas de 6 das 25 perguntas que integram o questionário respondido pelas crianças:

1. Você gosta de ler: "muito" (3 pontos); "mais ou menos" (2 pontos); "pouco" (1 ponto) ou "nada" (0 ponto).
2. Funções da leitura (O que você lê): função unicamente "escolar/acadêmica" (1 ponto); função "informativa" (2 pontos) e função de "lazer" (3 pontos). A pontuação máxima para esta questão é de 3 pontos, caso a leitura tenha a função de lazer.

3. Pede para comprar livros: "sempre" (2 pontos); "às vezes" (1 ponto) e "nunca" (0 ponto).
4. Lê outras coisas além do que a escola manda: "sim" (2 pontos); "às vezes" (1 ponto) e "não" (0 ponto).
5. Frequência de leitura extra-escola: "todos os dias" (2 pontos); "não regularmente" (1 ponto) e "nunca" (0 ponto).
6. O que sente quando lê: "gostoso/interessante" (1) e "chato/cansativo" (0).

A partir da pontuação obtida nas seis questões acima, as crianças foram inseridas em três categorias de leitores:

- Categoria 1 - Leitor muito ativo (**L+**): de 12 a 13 pontos;
- Categoria 2 – Leitor ativo (**L**): de 10 a 11 pontos e
- Categoria 3 - Leitor pouco ativo (**L-**): até 9 pontos

RESULTADOS

Os resultados descritos na Tabela 1 caracterizam uma série de atitudes e comportamentos das crianças frente ao ato de ler, quando falam delas mesmas e de seus pais.

Tabela I: Questões formuladas no questionário e frequência de respostas obtidas

Questão 1. Você gosta de ler?		Questão 7. Você vai ao jornaleiro?	
Muito	50,5%	Muitas vezes	2,6%
Mais ou menos	41,6%	Algumas vezes	87,1%
Pouco	5,5%	Nunca fui	10,3%
Nada	2,4%		
Questão 2. Marque as coisas que você sente quando lê:		Questão 8. Se você vai ao jornaleiro, é para comprar:	
Que é gostoso/interessante	81,4%	Revistas, jornais, livros ou quadrinhos	83,2%
Que é cansativo/chato	18,6%	Outras coisas (doces, chicletes, figurinhas)	36,2%
		Sem respostas	4,3%
Questão 3. Você está acostumado a ler fora da escola?		Questão 9. O que você lê?	
Todos os dias	26,7%	Revistas, jornais, livros ou quadrinhos	83,2%
Às vezes	69,4%	Somente os textos que a escola manda	25,4%
Nunca	3,9%	Revistas em quadrinhos	81,7%
		Revistas em geral	54,2%
Questão 4. Você lê outras coisas, além daquilo que a professora da escola manda?		Jornais	25,1%
Sim	78%	Livros	61,0%
Às vezes	17,3%	Mensagens e textos da Internet	33,2%
Não	4,7%	Folhetos, cartazes de propaganda, embalagens de produtos, instruções	55,5%
Questão 5. Você pede para que seus pais comprem livros?		Questão 10: Você prefere livros?	
Sempre	12,9%	Com figuras	63,9%
Às vezes	76,9%	Sem figuras	36,1%
Nunca	10,2%		
Questão 6. Você vai a livrarias?		Questão 11. Por que você prefere livros com figuras ou sem figuras?	
Muitas vezes	0,8%	Preferem com figuras porque é mais interessante, mais fácil de compreender e imaginar	63,9%
Algumas vezes	85,7%	Preferem sem figuras porque tem mais coisas para ler	2,1%
Nunca fui	13,5%	Não faz diferença	2,6%
		Sem respostas	31,4%

Questão 12. Você acha que tem coisas difíceis de entender quando a gente lê?		Questão 18. Quem lê na sua casa?	
Sim	80,8%	Pai	75,1%
Não	19,2%	Mãe	87,7%
		Irmãos	51%
		Sem respostas	1%
Questão 13. Que tipo de texto (leitura) é mais difícil de entender?		Questão 19. Você costuma ver seu pai lendo:	
Jornais	25,2%	Todos os dias	25,9%
Livros didáticos (textos escolares)	21%	Quase todos os dias	23,9%
Livros não didáticos	17%	Às vezes	38,7%
Quadrinhos	11,8%	Nunca	11,5%
Revistas	3%		
Sem respostas	22%	Questão 20. Você costuma ver sua mãe lendo:	
		Todos os dias	26%
		Quase todos os dias	29%
		Às vezes	38%
		Nunca	7%
Questão 14. Quando você está estudando ou fazendo lição, seus pais precisam ler para que você entenda o que está escrito?		Questão 21. O que seus pais compram para ler?	
Sim	6,3%	Revistas em quadrinhos	9,2%
Não	60,9%	Revistas	65,2%
Às vezes	32,8%	Jornais	68,6%
		Livros	39,5%
		Não compram	2,4%
		Sem resposta	1,0%
Questão 15. Seus pais explicam para você por que é importante aprender a ler?		Questão 22. O que seu pai mais gosta de ler?	
Sim	88,2%	Quadrinhos	1%
Não	11,8%	Revistas diversas	18,6%
		Jornais	61%
		Livros	11,8%
		Outros e em branco	7,6%
Questão 16. O que seus pais dizem com relação à importância de ler?		Questão 23. O que sua mãe mais gosta de ler?	
Finalidade cultural: para ter acesso ao conhecimento, à informação	15,4%	Quadrinhos	0,8%
Finalidade profissional: para ter um bom emprego	9,4%	Revistas diversas	58,4%
Finalidade acadêmica: para ir bem no colégio	7,9%	Jornais	12,3%
Finalidade de lazer: para ter prazer	1,3%	Livros	23,3%
Finalidade lingüística: para escrever melhor	8,1%	Outros e em branco	5,2%
Sem respostas ou respostas não categorizáveis	57,9%		
Questão 17. Para você, o que é ler?		Questão 24. Os seus pais lêem para você:	
Aprendizagem e informação	23,8%	Todos os dias	4,7%
Conhecer a língua: ler as palavras, conhecer as letras	16,5%	Quase todos os dias	10,3%
Atividade ligada ao lazer e outros valores positivos	19,4%	Às vezes	50,4%
Atividade vista como negativa: cansativa, chata	3,1%	Nunca	34,6%
Não sabem referir	37,2%	Questão 25. Você costuma ganhar livros de seus pais:	
		Muitas vezes	23,4%
		Às vezes	68,1%
		Nunca ganhei	8,5%

DISCUSSÃO

As respostas obtidas a partir do questionário permitem a análise de um conjunto de atitudes e hábitos de leitura em escolares de primeira a quarta séries do primeiro grau e, desta forma, a obtenção de um perfil de leitores em formação. As respostas às questões foram agrupadas de acordo com aqueles aspectos que elas mais evidenciam, como é o caso de atitudes e sentimentos frente à leitura; sistematicidade e frequência; motivação e interesse; tipos de textos lidos; compreensão; concepções sobre a leitura; modelos de leitores e algumas atitudes incentivadoras por parte dos pais¹⁴.

ASPECTOS RELATIVOS A CERTAS ATITUDES E SENTIMENTOS FRENTE À LEITURA

Determinados aspectos afetivos dos sujeitos frente ao ato de ler ficam evidentes nas questões 1 e 2. Metade das crianças afirmam que gostam muito de ler. Por outro lado, cerca de 8% mostram sentimentos menos favoráveis, caracterizados por gostar "pouco" e "nada". Se somarmos este segundo grupo àquele dos que gostam "mais ou menos", encontramos metade dos sujeitos revelando um envolvimento com conotações negativas, os quais refletem graus variados de restrições em relação à leitura. Dentre eles, uma porcentagem significativa (18,6%) afirma, explicitamente, que ler é uma atividade "cansativa ou chata".

Estes achados merecem uma atenção e cuidados especiais. Como têm sido apontado, muitas pessoas, apesar de alfabetizadas e até mesmo de terem completado etapas educacionais mais elevadas, não se tornam leitoras, de fato. Elas acabam por não desenvolver uma atitude positiva ou favorável frente ao ato de ler, faltando-lhes o sentimento de prazer nesta situação. Todos aqueles envolvidos com a educação e com o desenvolvimento infantil devem ter em mente que a leitura prazerosa e o gosto por tal atividade devem ser considerados aspectos dos mais relevantes na alfabetização^{4,6}.

FREQÜÊNCIA E SISTEMATICIDADE DE LEITURA

A frequência, e também o interesse pela leitura, podem ser relacionadas com as perguntas 3 e 4. Apesar de 78% dos sujeitos afirmarem que não se limitam a ler somente os textos que a escola indica, vemos que somente 26,7% respondem que estão acostumados a ler fora da escola todos os dias, ou seja, que são leitores sistemáticos ou assíduos. Embora muitas das crianças possam estar realizando leituras diversificadas, a maior parte tende a fazê-lo de modo não sistemático, respondendo que lêem somente "às vezes". Torna-se claro que certas respostas evidenciam atitudes que revelam baixo grau de envolvimento com a leitura: "nunca" ler fora da situação escolar (3,9%) e não ler nada mais além daquilo que a escola manda (4,7%).

INTERESSE E MOTIVAÇÃO

Certos interesses, que revelam a motivação dos sujeitos pela leitura, podem ser vistos a partir das respostas às questões 5, 6, 7 e 8. Neste sentido, um bom indicador pode ser o fato de solicitarem aos pais que comprem livros. Entretanto, somente 12,9% dos sujeitos afirmam fazer tal pedido de forma sistemática. Uma parcela, que parece significativa (10,2%) refere nunca haver feito tal solicitação. Por outro lado, a ida a livrarias e a bancas de revistas também não é um fato sistemático. A maior parte refere ir "às vezes". Causam surpresas as afirmações de 13,5% dos sujeitos que referem nunca terem ido a uma livraria e 10,3% que afirmam não terem ido, até então, a uma banca de jornal e revistas. Para a maior parte dos sujeitos, a ida ao jornaleiro tem como finalidade a compra de revistas, jornais e quadrinhos. Por outro lado, para algumas crianças, a visita a tal local pode estar limitada à compra de "outras coisas", que não são para ler.

A análise destas questões indica que poucos sujeitos parecem ter a postura ou hábito de, sistematicamente, solicitar material para leitura. A maioria, ao que parece, fica mais na dependência do que lhes é ofertado, sem tomar a iniciativa de escolher e pedir o que gostariam de ler. Alguns dos predicados do que se pode

considerar um bom leitor¹⁵ dizem respeito à capacidade de escolher o próprio material de leitura, à obtenção sistemática de livros e ao fato de sempre conseguir tempo para ler.

TIPOS DE TEXTOS MAIS FREQUENTEMENTE LIDOS

Preferências de leitura puderam ser pesquisadas a partir das perguntas 9, 10 e 11. Como pode-se observar, as revistas em quadrinhos correspondem à grande preferência dentre os que lêem textos, além daqueles sugeridos pela escola. Em segundo lugar, vêm os livros, seguidos por folhetos, cartazes, instruções e, juntamente, as revistas em geral. A Internet, por sua vez, parece ter aberto novas opções de leitura.

Chama a atenção o fato de os jornais serem os últimos colocados nesta escala de preferência. Isto é indicativo de que este tipo de texto não atrai estes jovens leitores, embora seja prática comum, em muitas escolas, a proposta de leitura de jornais. Contrariamente, embora os quadrinhos sejam nitidamente o tipo de texto mais lido, é comum encontrar escolas que são desfavoráveis a tal tipo de leitura.

Em um trabalho anterior abordando este assunto¹², verifica-se que os resultados obtidos em pesquisa com escolares de primeiro grau na cidade de Belo Horizonte se assemelham aos aqui expostos: em primeiro lugar vem uma preferência por livros de estórias que, em geral são ilustrados; em segundo lugar vem as revistas em quadrinhos; em terceiro os livros de estudos, sendo que os jornais ocupam a quarta posição, cabendo a "outros" a última colocação.

No caso de livros, como pode ser visto pelas respostas ao questionário, os preferidos são aqueles que têm figuras ilustrando o texto porque, segundo a maioria dos sujeitos, a ilustração ajuda na compreensão. Entretanto, para uma pequena minoria, a preferência está centrada em livros sem ilustração porque, curiosamente, segundo os sujeitos, a ausência de ilustrações aumenta o volume do texto. Este parece ser um indicador de leitores provavelmente mais hábeis para lidar com o conteúdo de textos, sem apoio de imagens.

A COMPREENSÃO DOS TEXTOS

Os dados referentes às questões 12,13 e 14 permitem algumas reflexões a respeito da compreensão de textos. Para a maior parte das crianças, a leitura sempre leva ao encontro de "coisas difíceis de entender". Neste sentido, dentre os diversos tipos de textos, os jornais são apontados como os mais difíceis. Este fato pode, de alguma forma, ser uma razão importante para que os jornais ocupem uma das últimas posições em termos de preferência de leitura.

Ainda quanto à complexidade da compreensão, os livros didáticos vêm em segundo lugar. São apontados como sendo de leitura mais fácil os livros não didáticos e, principalmente, as publicações em forma de quadrinhos. Os sujeitos referem que as revistas não são difíceis de entender, podendo ser levantada a hipótese de que, frente a este tipo de material de leitura, eles fiquem mais presos às ilustrações e fotos do que ao texto propriamente dito.

Quanto às dúvidas que a leitura possa trazer, a maior parte das crianças ainda refere que não precisa de ajuda para entender o que lêem quando estão fazendo a lição de casa. Este item pode ser um indicador de nível de compreensão de leitura, caso a criança tenha, realmente, uma preocupação em entender o que está fazendo. Por outro lado, o índice de 6,3% de sujeitos afirmando necessitar de ajuda sistemática, pode estar indicando dificuldades para a aprendizagem da leitura ou limitações quanto aos conteúdos abordados.

Compreender o que está sendo lido não se resume a um processo de decodificação eficiente. A compreensão depende também de fatores como o conhecimento sobre o assunto lido¹³ e de habilidades linguísticas em nível lexical, sintático e pragmático¹¹. Por sua vez, as respostas das crianças ao questionário mostram que também deve ser levado em consideração o tipo de material para leitura a ser oferecido (livros, quadrinhos, jornais, revistas). Deve-se considerar que os textos, tendo em vista suas características gráficas, podem ser, em maior ou menor grau, facilitadores da compreensão.

ALGUMAS IDÉIAS A RESPEITO DA LEITURA

A maior parte dos sujeitos afirma que seus pais falam sobre a importância do ato de ler, conforme a questão 15. Assim sendo, parece surpreendente que 57,9% destas crianças não tenham respondido à questão 16 ou que tenham dado respostas não pertinentes. Dentre as que responderam, fica evidente uma possível ênfase familiar na importância da leitura como uma questão ligada a aspectos sociais (ter acesso ao conhecimento, à cultura), ao sucesso profissional (ter um bom emprego) e acadêmico (englobando "ir bem no colégio" e "para escrever melhor"). A leitura, como uma atividade ligada ao lazer, ou seja, como algo que pode causar prazer é assim vista somente por uma pequena minoria (1,3%). Este dado parece ser coerente com o fato de que, embora a leitura seja um objeto ou bem social, ela tem sido concebida, com muita ênfase, como um objeto escolar^{3,5}. A esta visão meramente acadêmica pode-se também acrescentar, a partir das respostas dadas pelas crianças estudadas, uma forte concepção da escrita como um meio para se obter, no futuro, sucesso numa profissão.

Quando solicitadas, na questão 17, para que dessem suas próprias opiniões, dentre os que conseguiram elaborar respostas, encontramos uma maioria concebendo a leitura também em termos culturais e acadêmicos (aprendizagem e informação, para conhecer a língua). Por outro lado, neste item do questionário, há um aumento de afirmações a respeito da leitura como uma atividade ligada ao lazer. Encontramos, ainda, uma pequena porcentagem de crianças que, ao invés de dar uma definição para a leitura, expressa sentimentos de aversão a ela. Ainda, de modo coerente com a tendência observada na questão anterior, um número significativo de sujeitos não soube dar respostas, levando a crer que, para muitos, ainda não está claro o que é a leitura, seus usos e possíveis funções.

Em seu conjunto, estes fatos podem estar indicando que, apesar de viver situações formais (instrução escolar) e informais de leitura (o que vêem e aprendem fora da escola), um número

significativo de crianças não está conseguindo compreender as funções e finalidades variadas que a leitura pode ter.

MODELOS DE LEITORES

No geral, uma grande porcentagem de crianças vive situações nas quais têm contato com outros leitores que podem estar servindo de modelo para elas. A maioria afirma que vê ambos os pais lendo, havendo maior referência à figura materna, com 87,7%, enquanto os pais (figuras masculinas) ficam com 75,1%. Conforme os dados indicam, elas parecem ter oportunidade de ver mais as mães lendo do que os pais. Praticamente metade dos sujeitos também refere que têm irmãos que lêem.

De acordo com a questão 19, temos uma porcentagem de 49,8% de crianças que podem estar tendo, em seus pais (figura masculina), modelos sistemáticos de leitor. Por outro lado, 38,7%, apontam que somente "às vezes" isto ocorre e 11,5% afirmam que tal fato nunca ocorre. Nestes dois últimos casos, que correspondem a 50,2% dos sujeitos, os pais podem estar servindo como modelos pouco ou nada sistemáticos de leitores.

Quando as crianças falam de suas mães, na questão 20, também se somando os itens "todos os dias" e "quase todos os dias", 55% podem estar tendo, nelas, modelos sistemáticos de leitor. Por outra parte, para os demais 45%, elas estariam sendo menos sistemáticas e até mesmo nulas, conforme a resposta de 7% dos sujeitos.

As mães aparecem, comparativamente, como modelos mais sistemáticos na dupla de pais, confirmando as respostas da questão 18. Embora a razão para tal diferença não tenha sido pesquisada, algumas hipóteses, para futura comprovação, podem ser formuladas: 1) As mulheres aqui descritas tendem a ler mais que os homens ou, 2) As crianças têm menos oportunidade de ver seus pais (homens) lendo porque eles podem estar no trabalho, enquanto um certo número de mulheres, suas mães, por não trabalharem fora, poderiam ser observadas lendo com maior frequência.

PREFERÊNCIAS DE LEITURA E DISPONIBILIDADE DE TEXTOS

Os tipos de textos adquiridos pela família e que se encontram disponíveis em casa para ler é o que pesquisa a questão 21. Os mais encontrados são jornais e revistas, os quais aparecem praticamente juntos em primeiro lugar. Os livros chegam a 39,5% das aquisições e as revistas em quadrinhos alcançam 9,2%. Por outro lado, foram encontradas 2,4% de crianças afirmando que seus pais não adquirem nenhum tipo de material para leitura. É possível observar, a partir destes dados, que as crianças encontram, predominantemente à sua disposição, textos na forma de jornais e revistas, que dizem respeito às preferências de leitores adultos, no caso os pais. Por sua vez, as revistas em quadrinhos, que correspondem a um dos tipos de textos prediletos das crianças, têm um índice significativamente menor de compra.

Dentre os diferentes tipos de textos adquiridos pelos pais, as crianças revelam, nas questões 22 e 23, as preferências pessoais que vêm neles. No caso da figura masculina, predomina, de modo significativo, a leitura de jornais (61%), vindo à distância, em segundo lugar, a leitura de revistas (18,6%). No caso das mães, predomina a preferência por revistas diversas, (58,4%) seguida, também à distância, pela leitura de livros (23,3%).

Tendo em vista os tipos de textos que as crianças têm predominantemente à disposição em suas casas para ler, os quais não correspondem àqueles que elas preferem, pode-se levantar a possibilidade de uma carência de material para leitura que venha ao encontro dos interesses infantis. Deve-se considerar que o aspecto gráfico dos textos, o conteúdo dos mesmos e a disponibilidade de material para leitura que a criança tem à sua disposição são variáveis que podem interferir em sua formação de leitor¹².

ATITUDES E AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA

A questão 24 revela ações e atitudes que podem ser consideradas como de incentivo à formação de leitores. Mais especificamente, somente 15% das crianças chegam a afirmar que seus pais lêem para

elas de modo mais sistemático, ou seja, "todos os dias" e "quase todos os dias". A metade delas afirma que tal ação só ocorre "às vezes". Por sua vez, um número significativo destas crianças (34,6%) responde que seus pais "nunca" lêem para elas. Tais respostas parecem indicar que, embora a maior parte das crianças possa estar vendo seus pais como leitores, tomando-os até mesmo como possíveis modelos, o ato de ler pode estar correspondendo, de uma maneira geral, a ações individualizadas ou isoladas. Na medida em que alguém lê para si mesmo, não ocorre o partilhamento do conteúdo do texto, na forma de dar informações, fazer comentários, questionar, debater e assim por diante.

Outra atitude que pode ter um papel importante enquanto incentivadora de interesse pela leitura e na formação de leitores, diz respeito a presentear as crianças com livros. De acordo com a questão 25, somente 23,4% dos sujeitos costumam ganhar livros, com frequência, de seus pais enquanto que, para a maioria, isto ocorre somente às vezes. Também foi possível encontrar uma parcela de 8,5% que afirmam nunca terem recebido livros como presente. Se considerarmos, como foi apontado anteriormente, que os pais investem mais em jornais e revistas para leitura própria, este baixo índice de aquisição de livros destinados às crianças indica uma possível carência de textos a elas destinados. De modo mais objetivo, pode haver pouca disponibilidade de material que possa vir a incentivar o interesse pela leitura.

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DE LEITOR E MODIFICAÇÕES NO DECORRER DAS SÉRIES

A partir da pontuação obtida nas respostas ao questionário foi possível estabelecer diferentes níveis de leitores, diferenciando-se três perfis, de acordo com hábitos e atitudes frente à escrita: L+ (leitor muito ativo); L (leitor ativo) e L- (leitor pouco ativo).

Comparando-se todas as séries (Tabela 2), observa-se que os índices de L+ são sempre os mais baixos, resultando em uma média de 14,55%.

Tabela 2 – Frequência dos perfis de leitura em cada uma das séries isoladamente e no conjunto das quatro séries

Série	Nº de sujeitos	L+ %	L % %	L- %
1ª	47	19,15	42,55	38,30
2ª	56	10,71	37,50	51,79
3ª	81	17,28	37,04	45,68
4ª	84	11,90	36,90	51,19
Totais de 1ª a 4ª	268	14,55	38,06	47,39

Chama ainda a atenção o fato de a frequência de L+, verificada na primeira série, tender a baixar nas seguintes, o que permite questionar a respeito de que tipo de efeito está tendo a escolarização em termos da formação de “bons” leitores.

Estes valores revelam, em primeiro lugar, que um número muito pequeno de crianças inicia a primeira série já apresentando hábitos e atitudes favoráveis mais fortemente estabelecidos. Isto pode significar um fraco efeito familiar sobre a formação do que está sendo considerado um bom leitor. Em segundo lugar, o fato de não haver um aumento no número de crianças com tal perfil, e o que é mais grave, a constatação de uma tendência ao decréscimo ao longo das séries, indica que a escolarização destas crianças pode não estar, por sua vez, conseguindo atingir os objetivos propostos em relação ao desenvolvimento da leitura, que é uma de suas metas primordiais¹⁶. Esta constatação é importante uma vez que todo o ensino escolar está diretamente ligado à leitura, dependendo dela para atingir seus objetivos. Assim sendo, como foi anteriormente enfatizado, quando o aluno não se torna um bom leitor, quando não desenvolve uma relação afetiva favorável em relação à leitura, sua formação pode ser considerada deficitária.

O movimento para cima e para baixo das frequências observadas nos perfis L e L- confirma

claramente a hipótese levantada. Na primeira série, observa-se que 42,55% das crianças apresentam um perfil L (de leitores considerados ativos), o que revela a presença de atitudes e hábitos favoráveis em relação à leitura numa parcela significativa da população estudada. Porém, pode-se constatar que também neste grupo há uma tendência ao decréscimo quando se verificam todas as séries, o que resulta numa média final de 38,06%. Por outro lado, a frequência de crianças com um perfil L-, que na primeira série corresponde a 38,30%, mostra uma tendência ao aumento no decorrer das séries, finalizando com uma média de 47,39%.

Resta, a partir desta análise, perguntar o que está acontecendo com a escolarização destas crianças que, ano após ano, parecem perder interesse pela leitura, quando o que se tem como objetivo é exatamente o contrário. O resultado parece caminhar no sentido inverso àquele desejado. Estaria a leitura se afirmando como um conhecimento válido somente no âmbito escolar, sem encontrar funções no cotidiano da criança? Teria ela a conotação de desprazer, de um ato que se torna desagradável porque transformado em obrigação e imposição¹⁷?

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos neste trabalho permitem algumas conclusões em relação ao perfil de leitor que caracteriza a população estudada, levando-se em consideração um conjunto de atitudes, hábitos e aspectos familiares que puderam ser constatados.

Os sujeitos desta pesquisa, em sua grande maioria, têm oportunidade de viver situações, que no geral, são consideradas favoráveis para a formação do que se considera um bom leitor, entre elas as condições econômicas, o contato com outros leitores e a possibilidade de escolarização.

Constatou-se, por um lado, uma parcela dos sujeitos apresentando características gerais que podem ser consideradas favoráveis em termos de sua formação como leitores, como é o caso da frequência de leitura, da diversidade de textos lidos e da demonstração de prazer e interesse

por tal atividade. Desta forma, uma parte dos sujeitos aqui pesquisados poderia ser considerada como “bons leitores”.

Entretanto, por outro lado, a maior parte deles revela-se como leitores menos sistemáticos, com restrições em termos de seus interesses e envolvimento afetivo com a leitura. Embora não estejam sendo considerados como “maus leitores”, o que os caracteriza é uma atitude de envolvimento afetivo e cognitivo somente parcial com a leitura. Tais achados indicam que não basta a criança ter uma situação econômica mais privilegiada, ter a presença de leitores na família e ir para uma escola, mesmo que seja da rede privada de ensino, para ter garantida sua formação como leitor, no sentido que está sendo discutido neste trabalho.

Pode-se pensar na importância de alguns aspectos qualitativos de tais condições, como ficou evidenciado nesta pesquisa. Neste sentido, uma grande parte dos sujeitos parece não ter conhecimentos suficientes que permitam chegar a uma concepção, mais clara, do que é ler, de quais são seus usos e funções sociais. Nas respostas melhor formuladas nota-se a influência de uma concepção escolar de leitura, ou uma idéia de que ela será importante no futuro, para garantir uma boa profissão, sendo que ambas podem ser consideradas como visões parciais ou distorcidas da realidade.

O papel que pessoas significativas podem desempenhar na medida em que sirvam de modelos de leitor para a criança parece bastante claro. Entretanto, há que se levar em consideração a sistematicidade de leitura, o tipo de texto que costumam ler, a qualidade literária dos mesmos e, muito importante, o modo como apresentam a leitura e como envolvem a criança com esta atividade. Nem sempre uma criança tem a oportunidade de ver, de modo mais sistemático, seus pais lendo, na maior parte das vezes eles têm em mãos textos que não são atrativos para ela e, em geral, não criam situações que a envolva com a leitura que estão realizando. Por sua vez, o tipo de material de

leitura que parece mais disponível nas casas refere-se a textos de maior interesse para os adultos e não para as crianças.

Além do mais, o fato de poucos pais terem por hábito realizar leituras para seus filhos e, de modo mais freqüente, adquirirem livros para eles, confirma que suas atitudes em relação à formação de leitores tendem a ser pouco incentivadoras. Este dado também pode ser indicador de que, no meio destes sujeitos, a leitura pode não fazer parte da tradição cultural.

Foram identificados três diferentes níveis de envolvimento com a leitura, o que caracterizou o perfil de Leitor Muito Ativo, Leitor Ativo e Leitor Pouco Ativo. Não se observou um efeito positivo em termos da intervenção escolar na formação de bons leitores uma vez que as freqüências permaneceram praticamente as mesmas ao longo das séries. Um aumento esperado no número de Leitores Mais Ativos, ou no mínimo Ativos, não se concretizou. Por sua vez, a baixa freqüência de Leitores Muito Ativos na primeira série indica que influências familiares também não se mostraram eficientes no sentido de formar crianças com este perfil.

Considerando-se a ausência de efeitos positivos a partir da situação familiar e da situação de intervenção escolar, os dados obtidos apontam para o fato de que não estão sendo construídas condições eficientes que favoreçam a formação de atitudes e hábitos que possam aumentar a produção de bons leitores.

De modo geral, pode-se considerar que os esforços para desenvolver nas crianças hábitos e atitudes favoráveis em relação à leitura, tornando-os bons leitores, dependem de vários fatores, sendo de fundamental relevância o papel da escola e da família. Entretanto, para atingir tal objetivo, há de se considerar os usos e funções que escola e família atribuem à leitura, o modo como envolvem a criança em tal atividade, a disponibilidade de textos, os hábitos da própria família, assim como a diversidade e os tipos de textos que a elas são oferecidos.

SUMMARY

Aspects in reader's education in primary school

PURPOSES: To characterize the learning of attitudes, habits and feelings in relation to reading, with the purpose to know the reader's profile when some good conditions such as, economic conditions and school intervention, are presented. Also, to verify if it occurs some changes in the reader's profile comparing each grade, to see the role of the school in the reader's education.

METHODS: A questionnaire with 25 questions in relation to reading was applied in 382 children from both genders. The children were between 6 and 11 years old, from the first to fourth grade of primary school in two private schools in São Paulo.

RESULTS: It was possible to characterize a set of attitudes and habits of reading. These allowed to know the profile of readers in formation: Very Active Reader, Active Reader and Less Active Reader. The answers were analyzed according to the most important evidence: attitudes and feelings in relation to reading; systematic and frequency; motivation and interest; kind of texts; comprehension; conceptions about reading; reader's models and some encouraging attitudes by the parents.

CONCLUSIONS: There were no positive effects in the school intervention, neither in parents' attitudes in relation to the improvement of the reader's profile. Because of that we concluded that efficient conditions are not being built to favor the attitudes and habits of a good reader formation.

KEY WORDS: Reading and writing. Primary school. Readers. Reading habits. Reading conceptions.

REFERÊNCIAS

1. Bryant P, Bradley B. Problemas de leitura na criança. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.
2. Cagliari LC. Alfabetização e Lingüística. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
3. Ferreiro E. Com todas as letras. São Paulo: Cortez Editora, 1992.
4. Moreira MRS. O universo emocional da criança e os textos usados para alfabetizar – uma proposta de alteração. In Scoz, FJL, Rubinstein E, Rossa EMM, Barone LMC. Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987, p. 217-223.
5. Fernández MR. Hachén RR. Saberes acerca de la lectura y la escritura. In Arbiux E. Bigo M, Fernández MR, Freidenberg S, Hachén RR, Rivero S, Solana ZG. Adquisición de la escritura. Ediciones Juglaria, 1996, p.49-74.
6. Rigolet SAN. Leitura do mundo – leitura de livros. Porto: Porto Editora, 1997.
7. Brunstein RL, Setúbal MA, Carrer AC, Brunsizian I. Alunos Leitores e escritores: produção de texto em sala de aula. In CENPEC – Centro de Pesquisas para Educação e Cultura – Oficinas de matemática e de leitura e escrita – Escola comprometida com a qualidade. São Paulo: Plexus, 1995.
8. Braibant JM. A decodificação e a compreensão: dois componentes essenciais da leitura no 2º ano primário. In Grégoire J,

- Piérart B. Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997, p.167-187.
9. Demont E. Consciência fonológica, consciência sintática: que papel (ou papéis) desempenha na aprendizagem eficaz da leitura. In Grégoire J, Piérart B. Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997, p.189-201.
 10. Leybaert J, Alégria J, Deltour JJ, Skinkel R. Aprender a ler: o papel da linguagem, da consciência fonológica e da escola. In Grégoire J, Piérart B. Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997, p. 143-166.
 11. Alégria J, Leybaert J, Mousty P. Aquisição da leitura e distúrbios associados: avaliação, tratamento e teoria. In Grégoire J, Piérart B. Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997, p. 105-124.
 12. Magalhães MHA. Leitura recreativa na Escola de 1º Grau da Rede Oficial de Ensino de Belo Horizonte, 1980. Dissertação de Mestrado – USP, São Paulo.
 13. Fulgêncio L, Liberato Y. Como facilitar a leitura. São Paulo: Contexto, 1996.
 14. Zorzi JL, Serapompa MT, Oliveira PS, Faria AT. Análise de atitudes e hábitos de leitura em escolares de primeiro grau. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Ano 6, nº 2, 2001.
 15. Hinson B. Que hacen los buenos lectores cuando leen. Lectura Y Vida, Buenos Aires, ano 21, n. 4, 2001.
 16. Carvalho M. Guia prático do alfabetizador. Editora Ática. São Paulo, 4ª Edição, 2002.
 17. Marques ML. A família e a escola marcando a formação do leitor. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia da USP, São Paulo; s.n; 1999. 172 p.